

A Arte de Contar Histórias: uma estratégia para humanização na saúde

The Art of Storytelling: a strategy for Humanization in Health

Emerson de Oliveira Gomes¹. Especialista em Arte, Educação e Cultura na Escola pela FVJ. Professor da Escola Estadual de Educação Profissional Elsa Maria Porto Costa Lima, Aracati-CE. Professor da Escola Municipal Padre Abílio, Itaiçaba-CE. E-mail: mersoneto@hotmail.com

Ricardo Lima dos Santos. Mestre em Educação em Saúde pela Unifor. Professor Adjunto da Unifor. E-mail: ricardosantos@unifor.br

Elane da Silva Barbosa. Mestre em Educação pela UERN. Professora do curso de Enfermagem e Coordenadora dos Cursos de Especialização da área da Saúde da FVJ. E-mail: elane@fvj.br

RESUMO

Este artigo objetiva investigar como a arte de contar histórias pode colaborar com a recuperação e a promoção da saúde dos sujeitos. Trata-se de investigação de natureza qualitativa, do tipo revisão de literatura. Sob essa perspectiva, foram realizadas pesquisas em trabalhos científicos publicados em livros e revistas eletrônicas, utilizando os seguintes descritores: arte, contador de histórias, humanização na saúde, arteterapia e psicoterapia. Enquanto resultados, foi possível identificar que a arte, com as suas funções - estética, social e cultural - intervém na sociedade, sugerindo que independentemente de sua estrutura e classificação, faz-se necessária para o desenvolvimento do ser humano. A arte de contar histórias, por sua vez, desenvolverá uma significação tão essencial ao receptor, que este será capaz de estabelecer um vínculo afetivo entre a história contada e os elementos de sua vida. Ela favorecerá, portanto, uma ressignificação emocional para o sujeito. Já a ação de humanizar faz-se presente na aproximação com atividades diversas, como a arte de contar histórias, que trabalhará situações conflitantes, o que amenizará o sofrimento psicológico do paciente. A arte de contar histórias é vislumbrada, então, como uma ferramenta propulsora, capaz de, com suas ações lúdicas e dinamizadas, estabelecer uma humanização mais efetiva e também afetiva, criando um espaço saudável e prazeroso dentro do ambiente hospitalar.

Palavras-chave: Arte; Contação de histórias; Humanização da assistência.

ABSTRACT

This paper aims to investigate how telling stories can contribute to the recovery and health promotion of the subjects. It is about qualitative research, in a literature review type. From this perspective, research has been done on scientific papers published in books and electronic magazines, using the following keywords: art, storyteller, humanization of assistance, art therapy and psychotherapy. As results, it was identified that art, with its functions - aesthetic, social and cultural - intervenes in society, suggesting that regardless of their structure and classification, it is necessary for the development of human beings.

¹ Autor correspondente. Artigo recebido em 13 de maio de 2014. Aprovado em 17 de junho de 2014. Avaliado pelo sistema *double blind review*.

The art of storytelling, in turn, will develop such an essential meaning to the receiver that it will be able to establish an affective bond between the story told and the elements of his life. It will favor therefore an emotional redefinition for the subject. To humanize the action is already present in approaching of various activities, such as storytelling, which will work conflicting situations, alleviating the psychological suffering of the patient. The art of storytelling is envisioned, then, as a driving tool, capable of with his playful and streamlined actions, establish a more effective and also affective humanizing, creating a healthy and enjoyable space within the hospital environment.

Keywords: Arts; Storytelling; Humanization of Assistance.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história humana, a necessidade de interação sempre se fez presente por meio do diálogo, encetado tanto por meio de desenhos, pinturas, gestos quanto pela fala. O ser humano intrinsecamente necessita do outro para o fortalecimento pessoal, visto que é sociável e não isolável. A expressão criativa do ser humano é reconhecida como arte, a qual, a cada dia que passa, insere-se mais na sociedade, contribuindo diretamente com o desenvolvimento das pessoas, seja na educação, na ação cultural, social, religiosa e na área da saúde (AMARAL, 2003; MANFERRARI, 2011).

Quando essas ações são vinculadas à arte de contar histórias, inicia-se um novo pensar, uma nova metodologia para colaborar com a vida do outro, direta ou indiretamente. O importante é saber que, com as ações lúdicas da contação de histórias, acontece a capacidade de transformação psicológica, social, cultural e cognitiva, tanto no emissor quanto no receptor. Isso porque o exercício dessa atividade artística envolve empatia, valores morais e éticos, capazes de promover uma revolução no outro, de submeter o indivíduo a uma catarse, a uma redescoberta de si.

Parece ser generalizada a crise instalada na saúde brasileira. Hospitais enfrentam problemáticas básicas como falta de infraestrutura, medicamentos e recursos materiais, além de um corpo de profissionais insuficiente para atender à demanda crescente de pacientes.

Se os fatores técnicos se mostram desfavoráveis, as situações de irresponsabilidade nos cuidados dos enfermos por parte dos profissionais da saúde, tanto em relação aos procedimentos técnicos quanto ao processo afetivo, não lhes ficam atrás. Isso implica falta de humanização, resultando, por conseguinte, em lentidão na recuperação da saúde dos pacientes. Haveria um meio ou forma alternativa que amenizasse essa situação?

Nessas dicotomias entre a necessidade e a prática, a humanização como política transversal na saúde supõe, necessariamente, a ultrapassagem das fronteiras, muitas vezes rígidas, dos diferentes núcleos de saber e poder que se ocupam da promoção da saúde. Desviando-se desse padrão estático e falido, considera-se que a utilização de ferramentas diferenciadas como a arte-educação na promoção e recuperação da saúde dos indivíduos configura-se uma possibilidade de se desenvolver um mecanismo de ação saudável, prazeroso, lúdico, vivo, humano (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010).

Isso posto, este artigo objetiva investigar como a arte de contar histórias pode colaborar com a recuperação e a promoção da saúde dos sujeitos.

METODOLOGIA

Trata-se de um artigo de natureza qualitativa, do tipo revisão de literatura. Sob essa perspectiva, foram realizadas pesquisas em trabalhos científicos publicados em livros e revistas eletrônicas, que estivessem de acordo com a temática investigada.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro e junho do ano de 2013. Utilizou-se como critério de busca artigos que tivessem sido publicados no período de 2005 a 2013, a partir dos seguintes descritores: arte, contador de histórias, humanização na saúde, arteterapia e psicoterapia. Os livros pesquisados foram escritos em língua portuguesa, publicados a partir de 2003, e versavam sobre a contação de histórias, arteterapia e psicoterapia.

Após uma primeira análise dos títulos e conteúdos do material investigado, realizou-se uma triagem para eleger apenas artigos indexados. Em seguida selecionou-se o que era de interesse para a pesquisa. Posteriormente, elaborou-se um fichamento do material bibliográfico coletado, de modo a evitar que fossem perdidas informações importantes para o enriquecimento do estudo e a confecção da redação final da pesquisa.

Por fim, os dados coletados foram organizados nas seguintes categorias: A arte e suas intervenções na sociedade; O encantamento pela palavra: a arte de contar histórias; e Humanização na saúde e a contação de histórias: a valorização do ser humano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, apresentam-se os resultados obtidos e suas consequentes discussões em subtópicos que correspondem às categorias de análise eleitas.

A arte e suas intervenções na sociedade

Em seu processo de democratização, a arte desenvolve estética e autenticidades significantes ao processo de apreciação e absorção do conteúdo artístico. Essas possibilidades estão ligadas ao desenvolvimento da compreensão individual e também coletiva. Isso se deve à amplitude hermenêutica que a arte atribui ao desenvolvimento das leituras das ações do mundo. Sob essa perspectiva, a verdade aparece como algo instável e totalmente aberto. Assim, a arte é vista como um processo hermenêutico por excelência, uma vez que o processo interpretativo está vinculado aos fatores das vivências individuais de cada ser.

A arte poderia ser uma das bases da educação, já que muitos processos pedagógicos estão restritos a processos cognitivos que concentram informações reproduzidas pelo professor e desconectadas da própria experiência dos alunos. Essa atuação possibilitaria uma abrangência e diversidade mais completa (FASANELLO; PORTO, 2012).

A educação por intermédio da arte assume a perspectiva do encantamento e está inserida numa proposta pedagógica que privilegia a orientação psicológica do adulto e da criança, ou seja, uma educação dos sentidos. Essa proposta é pensada enquanto uma abordagem integral da realidade, já que é na educação plural dos sentidos que estão baseados a consciência, a inteligência e o pensamento do indivíduo humano. Com essa ação o indivíduo está mais aberto a novas possibilidades. Desenvolve competências e habilidades mais abrangentes, visto que esse processo dialético entre o lúdico, o ficcional e o real que a arte oferece vincula-se, sem restrições, aos meios e mecanismos de compreensão e leitura das coisas (FASANELLO; PORTO, 2012).

A arte, com as suas funções - estética, social e cultural - intervém na sociedade, sugerindo que independentemente de sua estrutura e classificação, faz-se necessária para o desenvolvimento do ser humano. Assim, Amaral (2003, p. 10) enfatiza que “a arte é real como a própria vida, necessita ter um sentido e um significado; existe porque não pode deixar de existir”.

O encantamento pela palavra: a arte de contar histórias

Falar e expressar os sentimentos é o que diferencia o ser humano dos outros animais. Essa ação verbal que constantemente necessita de complementos é exercida na dialética essencial em busca da interação. E é por meio do expressar-se que se constrói e repassa as culturas e tradições. Independentemente do tempo e do espaço, não há povo ou civilização que não tenha manifestado a prática de comunicar-se, de trocar experiências e dialogar, de passar suas lendas, tradições e costumes por intermédio da oralidade (MANFERRARI, 2011).

A arte de contar histórias, por sua vez, trata-se de artifício que vem sendo utilizado desde os primórdios da civilização para repassar crenças e ensinamentos de geração a geração. E como os indivíduos não são seres estanques, evoluem, e a arte de contar histórias trilhou sua evolução junto com o ser humano no decorrer do tempo, possibilitando inúmeros aspectos relevantes para a sociedade, a exemplo de desenvolvimento social, cognitivo, psíquico e afetivo. Com a evolução, essa prática ganhou formas, estilos e nuances, configurando-se como uma proposta saudável para a sociedade. Referindo-se a essa importância, Coelho (2006), no livro *Contar Histórias: uma Arte sem Idade*, depõe:

Pois é, já cheguei aos netos e a experiência prossegue, fornecendo-me elementos para concluir que a arte de contar histórias é importante alimento da imaginação. Permite a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. (COELHO, 2006, p. 12).

É embalada por esse pensamento que a ação dinâmica do contador de história apresenta-se carregada de posicionamentos, contextualizações e situações totalmente favoráveis ao desenvolvimento da humanidade. Isso porque ela vem carregada de sentimentos e lembranças afetivas boas.

No percurso de suas significações para o desenvolvimento da humanidade, a arte de contar histórias é processada e digerida como suprimento sustentável para o processo de fortalecimento de diversas ações. Dessa forma, a ação do contador de história se pauta pela necessidade que se apresenta, haja vista que essa técnica ou atividade mostra-se capaz de se inserir sem ônus nas diversas atividades do ser humano - educacional, social, política e da saúde. Diretamente, essa afirmação e apropriação das histórias resulta no reconhecimento de que essa estratégia apresenta-se como ferramenta cosmológica, ético-moral e dotada de caráter curativo e preventivo (FASANELLO; PORTO, 2012).

Portanto, em termos diversos, a prática de contar histórias, nessa contemporaneidade, vem estabelecer uma dialógica com as mais diversas manifestações artísticas: teatro, dança, música, artes plásticas, circo. Esse diálogo é capaz de desenvolver o encantamento no público alvo, composto por crianças, jovens ou adultos. E dependendo de como e para quem se conta, as práticas dos contadores de histórias são imbuídas de funções, que se ligam às temáticas transversais e à diversidade em questão na qual se inserem. Por isso é necessário compreender que cada atividade de contação de histórias poderá estar ligada a uma especificidade, pois não se mostra aleatória, muito menos descontextualizada (FASANELLO; PORTO, 2012).

Além disso, a história desenvolverá uma significação tão essencial para o receptor, que ele será capaz de estabelecer um vínculo afetivo entre a história contada e os elementos de sua vida. Sendo assim, ela favorece uma ressignificação emocional por meio da historialização. Essa ação trabalhará o presente para conviver com o passado, de tal modo que possibilitará a construção do simbólico a partir de significantes adotados ao

longo de sua vida, qualquer que seja sua duração. Assim sendo, a contação de histórias oferecerá subsídios para que o ser construa, na narrativa apresentada, uma forma autêntica de envolvimento lúdico que se transformará em um modo de brincar, de sentir, de se emocionar, de viver (BRAGA et al., 2011).

Portanto, falar de histórias é poder identificar-se com os personagens, rir, emocionar-se com os contos, a forma como se conta, os elementos e adereços que compõem a narrativa. Esse processo funciona como um propulsor do imaginário de quem escuta. Nessa confabulação que envolve o contador de histórias e seus ouvintes, presencia-se uma sinergia capaz de criar um universo de total entrega das emoções. E, com as emoções exacerbadas e envolvidas num clímax de interação, o contador de histórias, materializando as histórias mediante suas narrativas, vai estabelecendo uma diversidade de funções colaborativas no seu público: educativa, social, psicológica e cognitiva. Estando essas funções ativas, a narrativa lúdica promove um desenvolvimento saudável do seu público (CASTANHA; LACERDA; ZAGONEL, 2005).

Humanização na saúde e contação de histórias: a valorização do ser humano

A humanização na saúde surge como um conceito e uma política de reflexão sobre as ações voltadas aos bons cuidados com os pacientes. Essa temática ganhou respaldo e subsídio a partir do momento em que vários países se apropriaram e refletiram sobre as ações dos profissionais da saúde no tocante aos direitos dos enfermos, principalmente quando a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) preconizaram a saúde como um direito fundamental do ser humano (GOULART; CHIARI, 2010).

Diante dessa situação complexa, que envolve muitos aspectos, começaram a surgir direitos e deveres para nortear a sua manifestação. A esse respeito, é pertinente ponderar que

Direitos sociais e direitos individuais dos pacientes são coisas distintas. Enquanto os primeiros são coletivos e dependem de escolhas e decisões políticas em cada sociedade, os direitos individuais podem ser mais facilmente expressos em termos absolutos e operacionalizados em função de pacientes tomados individualmente. (GOULART; CHIARI, 2010, p 256).

Esse pensamento é fundamental para que a humanização seja efetiva. Mais do que uma reflexão, ela deve ser encarada como uma prática saudável e sustentável. Isso acontecendo com precisão, a sistematização da assistência humanizada aos pacientes será embasada e concretizada dentro dos direitos individuais de cada ser.

Esse contexto atual de se humanizar o atendimento na saúde vai além das ações dos profissionais dessa área. A prática da humanização, percebida por muitos e praticada por poucos, foi se propagando e desenvolvendo uma comunicação com outras áreas, como a arte, a educação e a religião. Com isso, uma ação coletiva voltada para os princípios individuais e coletivos dos pacientes vem sendo forjada. A partir do momento em que essas outras ações externas foram se inserindo nas práticas hospitalares foi possível atentar para o melhoramento da humanização. As terapias medicamentosas, o atendimento pelo nome, as competências e habilidades técnicas dos profissionais da saúde não são mais suficientes para amenizar o sofrimento psicológico do sujeito que padece, o que abre espaço para a ação de humanizar, também presente na aproximação com atividades diversas, como no caso da arte de contar histórias, que se insere nos princípios da arteterapia (BRAGA et al., 2011).

A Arteterapia pode ser compreendida enquanto qualquer tratamento psicoterapêutico que utilize como mediação a expressão artística (dança, teatro, música, contação de histórias, etc.) ou as representações plásticas (pintura, desenho, gravura, modelagem, máscaras, marionetes, entre outras). A expressão artística caracteriza-se pela objetivação da representação visual do domínio figurativo a partir da transformação da matéria. Assim, por meio da interação das histórias contadas, existirão diferentes códigos de significação nos quais as produções individuais podem encontrar seu sentido. Por isso a abordagem artística supõe uma atitude estética e levanta hipóteses sobre a função da existência, isto é, sobre a comunicação simbólica na vida humana (BARBOSA; SANTOS; LEITÃO, 2007).

É sabido que um hospital não é o local mais agradável de se estar. Não se precisa pensar muito para se entender que quem se encontra em um ambiente hospitalar internado mostra-se vulnerável, precisando de cuidados capazes de amenizar seu sofrimento. Mas será que essa é a realidade vivenciada pelos indivíduos? Infelizmente identifica-se que não. Basta ir a um hospital para se perceber as insatisfações estampadas nas faces dos pacientes e também dos profissionais.

É pensando nessas ações de humanização do ambiente hospitalar que pessoas ligadas ou não à saúde utilizam a arte como subsídio para amenizar o sofrimento dos enfermos. Assim, a arte de contar histórias se mostra efetiva nesse processo de colaborar com a promoção da saúde. O fato de estar hospitalizado submete o indivíduo a várias outras complicações como o isolamento social, a tensão psicológica, o medo, a insegurança, entre outras. Tratar dessa situação a partir do imaginário das ações do contador de histórias é atenuar o sofrimento dos pacientes. É colocar o paciente diante de uma situação prazerosa, capaz de desvinculá-lo de sentimentos e emoções negativos. Agindo assim, o contador de histórias ainda estará colaborando com o seu desenvolvimento cognitivo, criativo e afetivo (CASTANHA; LACERDA; ZAGONEL, 2005).

Sob essa perspectiva, o processo de contação de histórias vai além de imaginações e passa a constituir ações concretas e saudáveis direcionadas aos pacientes em busca de um foco que possa relacionar favoravelmente a dor e a alegria. Portanto, cabe ao contador de histórias estar desprovido de qualquer preconceito, única maneira por meio da qual a harmonia se estabelecerá, como explica Gouveia (2003, p. 21), no livro *Viva e Deixe Viver*:

Não importa se são pobres ou ricos, brancos ou negros, em que hospital estejam se tratando. Importa seriamente que se envolvam, que façam parte do mundo mágico do faz de conta que os levará a momentos alegres, a esquecer das injeções e dos curativos, da dor e do sofrimento. Importa que a criança e o adolescente sintam-se amados, que vivenciem aquele momento como inteiramente deles.

Isso é fundamental para o objetivo que se quer alcançar quando se conta histórias, e também para a relação que se quer estabelecer com o ouvinte, já que é preciso estar imbuído de afetos que possam ser oferecidos. Sendo assim, essa relação do contador de história com o paciente o levará a outras possibilidades, mesmo que por poucos momentos. Com a prática dinamizada e lúdica do contador de histórias, pode-se levar os pacientes à superação da doença, a entender e exercitar o mecanismo psicológico do tratamento.

Trata-se de ação generosa essa de possibilitar aos enfermos um momento mágico e imprevisível, tornando, a partir de uma simples história narrada, o seu dia fantástico e produzindo um desprendimento da vulnerabilidade estabelecida.

Nesse sentido, essa ação artística desenvolve um mecanismo de comunicação e de muita aproximação, capaz de, durante a sua execução, abrir para o paciente o espaço necessário para verbalizar seus sentimentos, anseios, medos e frustrações, talvez nunca antes relatados à equipe de saúde. Essa experiência divertida, mágica e encantadora pode estabelecer uma comunicação diferenciada com o paciente, já que, em muitas situações, a argumentação lógica, racional e técnica pode não ser a melhor forma de comunicação durante a estadia do paciente no hospital (LIMA et al., 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de desenvolvimento social, cultural, psicológico, artístico e educacional das ações que se voltam ao ser humano é possível preconizar algumas atividades específicas que possam colaborar diretamente com o seu aperfeiçoamento. Quando isso acontece, há uma sinergia que abrange todas as pessoas envolvidas nesse processo.

Nesse caso, a arte entra como uma ação para facilitar, dinamizar e dar sentido à vida das pessoas. Mostra-se generosa, colaboradora com os aspectos sociais, políticos, culturais e também da saúde dessas pessoas. A arte promove situações prazerosas capazes de amenizar frustrações, de possibilitar entretenimento, de desenvolver a cognição e a interatividade com as demais pessoas.

Nesse contexto, a arte de contar histórias vem cada vez mais resgatando seu espaço na sociedade. Lançando mão de técnicas lúdicas, as ações dos contadores de histórias podem colaborar efetivamente como estratégia para o processo de tornar-se humano.

Neste estudo, identificou-se que a arte de contar histórias, quando se insere no ambiente hospitalar, leva cores e dinamismo a esse espaço tão temido pelas pessoas. Quando isso acontece, visualizam-se tons vibrantes, ludicidade, um brilho todo especial capaz de modificar para melhor a rotina hospitalar.

Os trabalhos científicos aqui estudados apontam que, nos ambientes em que as ações dos contadores de histórias estão presentes, os enfermos se mostram mais felizes, mais saudáveis psicologicamente. Essa prática ludoterápica efetivada como ação colaborativa dentro da rotina hospitalar implica uma percepção plural carregada de significações essenciais, capaz de possibilitar o enfrentamento do problema em questão.

Isso significa que a arte de contar histórias pode efetivamente contribuir no processo de humanização da saúde. Essa atividade, quando posta em prática, passa de uma ação em si mesma e ultrapassa as fronteiras do sofrimento, transformando-se num remédio para o corpo e para a alma.

A arte de contar histórias, que se confunde com a própria história da humanidade, poderia até mesmo se constituir numa estratégia para tornar o ser cada vez mais humano, num mundo globalizado, violento e autodestrutivo. O sofrer daquele que está num leito de hospital não é diferente do sofrer daqueles que o querem ajudar e muitas vezes se veem impotentes para tal, entretanto, uma simples história contada com o coração pode tocar e atenuar a mais intensa dor, amenizando com o bálsamo da palavra a falta de esperança, renovando forças e mostrando que é possível humanizar-se a si próprio e às suas ações para auxiliar na recuperação da saúde do outro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. **Arte para quê?:** a preocupação social na arte brasileira, 1920-1970. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

BARBOSA, I. C. F. J.; SANTOS, M. C. L.; LEITÃO, G. da C. M. Arteterapia na assistência de enfermagem em oncologia: produções, expressões e sentidos entre pacientes e estudantes de graduação. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 227-233, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452007000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 6 fev. 2013.

BRAGA, G. C. et al. Promoção em saúde mental: a enfermagem criando e intervindo com histórias infantis. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 121-128, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000100016>. Acesso em: 4 mar. 2013.

CASTANHA, M. de L.; LACERDA, M. R.; ZAGONEL, I. P. S. Hospital: lugar para o enfermeiro cuidar do imaginário? **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 94-99, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n1/a13v18n1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

COELHO, B. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2006.

COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 859-862, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n6/22.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

FASANELLO, M. T.; PORTO, M. F. de S. A arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 123-131, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072012000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 6 maio 2013.

GOULART, B. N. G. de; CHIARI, B. M. Humanização das práticas do profissional de saúde: contribuições para reflexão. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2010, v.15, n. 1, p. 255-268, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232010000100031&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 jun. 2013.

GOUVEIA, M. **Viva e deixe viver: histórias de quem conta histórias**. São Paulo: Globo, 2003.

LIMA, R. A. G. de et al. A arte do teatro *Clown* no cuidado às crianças hospitalizadas. **Revista da Escola da Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n.1, p. 186-193, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000100024>. Acesso em: 17 abr. 2013.

MANFERRARI, M. Histórias são naus que cruzam fronteiras. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 51-62, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a05>>. Acesso em: 11 maio 2013.

